

PALAVRA, ENCONTRO E ALTERIDADE: um olhar bakhtiniano sobre o filme *Central do Brasil* e a formação docente no LEEI

WORD, ENCOUNTER, AND OTHERNESS: a bakhtinian perspective on the film *Central Station* and teacher training in LEEI

PALABRA, ENCUENTRO Y ALTERIDAD: una mirada bajtiniana sobre la película *Estación Central* y la formación docente en el LEEI

 Katia Helena Faustino¹

1. Mestre e Doutoranda em Estudos de Linguagens- CEFET-MG; pós graduanda em “O Círculo de Bakhtin em Diálogo: Linguagem, Cultura e Sociedade”- Mentis Abertas/Faculdade Sudamérica. E-mail: katiafaustino.cefet@gmail.com

ABSTRACT: This article analyzes the film *Central Station* (1998) in light of Bakhtinian concepts such as dialogism, polyphony, and otherness, focusing on its implications for teacher training within the National Program for Reading and Writing in Early Childhood Education (LEEI). The research follows a qualitative-interpretative approach, examining key scenes from the film—especially those involving letter writing and the evolving relationship between Dora and Josué—alongside autobiographical letters written by program participants. The analysis reveals how Dora’s ethical transformation demonstrates the power of responsive language in shaping subjectivity and pedagogical listening. The voices present in the film’s letters, diverse and socially marked, create a polyphonic discursive fabric that resonates with the teachers’ writings, reinforcing the word as a space of encounter, memory, and recognition. The discussion emphasizes the importance of active listening and responsivity in educational practices, aligned with the principles of Bakhtin’s Circle. The article concludes that both the film and the formative experience contribute to the construction of a dialogical and humanizing pedagogy, committed to the appreciation of otherness and the ethical-aesthetic function of language in building meaningful pedagogical relationships.

Keywords: Bakhtin. Teacher Training. Cinema and Education. Dialogism. Polyphony.

RESUMO: Este artigo analisa o filme *Central do Brasil* (1998) à luz dos conceitos bakhtinianos de dialogismo, polifonia e alteridade, com foco nas implicações para a formação docente no contexto do Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI). A pesquisa adota uma abordagem qualitativa-interpretativa e utiliza como corpus cenas significativas do filme, particularmente as que envolvem o ato de escrita de cartas e a relação entre Dora e Josué, além das cartas autobiográficas escritas por participantes do programa. A análise evidencia como a transformação ética da personagem Dora revela o potencial da linguagem responsiva na constituição da subjetividade e da escuta pedagógica. As vozes presentes nas cartas do filme, diversas e socialmente marcadas, compõem um tecido discursivo polifônico que ecoa nos escritos dos professores em formação, reforçando o papel da palavra como instrumento de encontro, memória e reconhecimento. A discussão ressalta a importância da escuta ativa e da responsividade na prática educativa, em diálogo com os princípios do Círculo de Bakhtin. Conclui-se que tanto a obra cinematográfica quanto a experiência formativa contribuem para a construção de uma pedagogia dialógica e humanizadora, comprometida com a valorização da alteridade e com o papel ético-estético da linguagem na constituição de vínculos pedagógicos significativos.

Palavras-chave: Bakhtin. Formação Docente. Cinema e Educação. Dialogismo. Polifonia.

RESUMEN: Este artículo analiza la película *Estación Central* (1998) a partir de los conceptos bajtinianos de dialogismo, polifonía y alteridad, centrando su atención en las implicaciones para la formación docente en el marco del Programa Nacional de Lectura y Escritura en la Educación Infantil. Es enfoque cualitativo-interpretativo y examina escenas clave de la película, especialmente aquellas relacionadas con la escritura de cartas y la relación entre Dora y Josué, además de cartas autobiográficas producidas por participantes del programa. El análisis muestra cómo la transformación ética de Dora evidencia el poder del lenguaje responsivo en la constitución de la subjetividad y en la escucha pedagógica. Las voces presentes en las cartas del filme, diversas y socialmente marcadas, configuran un tejido discursivo polifónico que resuena en los escritos de los docentes en formación, reafirmando la palabra como espacio de encuentro, memoria y reconocimiento. La importancia de la escucha activa y la responsividad en la práctica educativa, en consonancia con los principios del Círculo de Bajtín. Tanto la obra cinematográfica como la experiencia formativa contribuyen a construir una pedagogía dialógica y humanizadora, comprometida con la valorización de la alteridad y con el papel ético-estético del lenguaje en la constitución de vínculos pedagógicos significativos.

Palabras clave: Bajtín. Formación de Profesores. Cine y Educación. Dialogismo. Polifonía.

Recebido em: 05/04/2025

Aprovado em: 28/05/2025



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Central do Brasil (1998), dirigido por Walter Salles, é um filme que retrata de forma pungente a jornada de Dora, uma escrevente na estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro, e Josué, um menino órfão em busca de seu pai. O filme, ambientado no contexto das desigualdades sociais brasileiras, ilustra como a linguagem pode se tornar uma ponte entre indivíduos, fomentando empatia e transformação. Este artigo propõe uma análise de *Central do Brasil* sob a lente da teoria dialógica de Mikhail Bakhtin, explorando como conceitos como dialogismo, polifonia e alteridade podem iluminar práticas educacionais humanizadoras. As ideias de Bakhtin, que enfatizam a natureza relacional da linguagem e a importância do outro, oferecem *insights* para a formação de professores, destacando as dimensões ética e estética do encontro pedagógico. Para enriquecer esta análise, o estudo também conecta os temas do filme com as experiências do Programa Brasileiro de Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI, 2024), onde o poder da palavra é explorado como um meio de conexão, memória e transformação pessoal.

Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa-interpretativa, empregando uma análise discursiva inspirada no círculo de Bakhtin. A seleção de *Central do Brasil* como objeto de estudo justifica-se por sua riqueza temática e potencial dialógico, oferecendo uma narrativa convincente para explorar as complexidades da interação humana e o papel da linguagem na formação de subjetividades. A análise concentrou-se em cenas e diálogos significativos, particularmente aqueles envolvendo o ato de escrever cartas e a relação em evolução entre Dora e Josué. Esses elementos foram examinados para identificar instâncias de dialogismo, polifonia e alteridade, e como esses conceitos se manifestam nas interações dos personagens e na mensagem geral do filme. Além disso, o estudo estabelece uma conexão com as práticas formativas dentro do programa LEEI. Essa conexão é feita por meio da análise da escrita e das respostas a cartas autobiográficas produzidas pelos participantes do programa. Essas cartas são entendidas como enunciados responsivos que revelam múltiplas vozes e as experiências únicas dos professores envolvidos. Essa abordagem metodológica permite uma exploração abrangente das dimensões dialógicas do filme e suas implicações para a formação de professores.

Resultados e Discussão

O arcabouço teórico de Mikhail Bakhtin recontextualiza fundamentalmente a linguagem como um fenômeno interativo e relacional. O dialogismo, um pilar de seu pensamento, postula que todos os enunciados são inerentemente dialógicos, moldados por discursos anteriores e orientados para respostas potenciais. Como afirma Bakhtin (2011, p. 119), “A palavra é sempre dirigida a alguém, é responsiva, mesmo quando esse outro está ausente”, destacando a inerente socialidade da linguagem. Essa perspectiva dialógica sublinha que o significado não é fixo, mas construído na interação entre falantes e seus contextos.

A alteridade é um conceito que está intrinsecamente ligada ao dialogismo. Bakhtin argumenta que “o eu se constitui em relação ao outro”, enfatizando que nossas identidades são moldadas por meio de interações com aqueles que são diferentes de nós. Esse reconhecimento da perspectiva única do outro é

importante para a comunicação e educação éticas, fomentando a empatia e o respeito por diversos pontos de vista.

A polifonia, outro conceito bakhtiniano chave, descreve a coexistência de múltiplas vozes autônomas e igualmente válidas numa única obra ou discurso. Em um texto polifônico, nenhuma voz domina; em vez disso, o autor orquestra um coro de perspectivas, criando uma rica tapeçaria de significados. Esse conceito desafia a visão monológica da linguagem, onde uma voz busca impor sua autoridade, e celebra a multiplicidade da experiência humana.

Esses conceitos bakhtinianos fornecem uma estrutura para analisar *Central do Brasil* e suas implicações para a formação de professores, destacando a importância do diálogo, do respeito pela alteridade e do reconhecimento de diversas vozes no processo educacional. Nessa mesma perspectiva, a noção de alteridade se articula ao dialogismo, ampliando sua dimensão ética e formativa.

Central do Brasil retrata vividamente o poder transformador do dialogismo e o desenvolvimento da alteridade. Dora, inicialmente apresentada como uma personagem endurecida e cínica, exemplifica uma falta de engajamento dialógico. Seu trabalho como escrevente para pessoas analfabetas muitas vezes era desprovido de comunicação genuína, pois ela frequentemente descartava cartas ou não as enviava, demonstrando um desrespeito pela voz e pelas necessidades do outro. Essa postura inicial destaca uma abordagem monológica, onde a voz de Dora domina e as vozes de seus clientes são silenciadas ou ignoradas.

No entanto, o encontro de Dora com Josué desencadeia uma profunda transformação. Forçada a cuidar do menino, Dora gradualmente desenvolve um senso de responsabilidade e empatia. A jornada deles juntos se torna um processo dialógico, onde Dora aprende a ouvir, responder e reconhecer as necessidades e os desejos de Josué. Essa relação em evolução exemplifica a noção bakhtiniana de que “o eu se constitui em relação ao outro”, pois a identidade de Dora é remodelada por meio de suas interações com Josué.

O filme sublinha que o reconhecimento da alteridade é essencial para a interação humana ética. A jornada de Dora destaca que a verdadeira comunicação envolve reconhecer a perspectiva do outro, valorizar sua voz e responder com cuidado e responsabilidade. Essa dimensão ética da escuta e da responsividade se desdobra também no campo educacional, especialmente quando refletimos sobre a prática docente e o compromisso com a palavra do outro.

Nossa missão como educadores é, acima de tudo, escutar, ser responsivo e reconhecer a alteridade. Uma educação verdadeiramente dialógica implica um compromisso com o outro e abertura à sua palavra, mundo e significados. No entanto, no início de *Central do Brasil*, Dora realiza uma prática contrária a esse ideal: ela escreve cartas para pessoas analfabetas, mas frequentemente as descarta ou nem sequer as envia. Há um gesto técnico, mas não ético; há linguagem, mas não diálogo.

Essa atitude inicial de Dora ilustra o que Bakhtin critica como linguagem esvaziada de alteridade. Como o autor aponta, “a palavra é sempre endereçada a alguém, é responsiva, mesmo quando o outro está ausente” (Bakhtin, 2011, p. 119). Dora, ao se comprometer com a palavra do outro apenas formalmente, rompe com essa responsividade essencial, esvaziando de significado o ato comunicativo.

No campo educacional, Paulo Freire também denuncia essa postura vertical e autoritária, afirmando: “o diálogo não se reduz, pois, a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro” (Freire, 1987, p. 45). A prática inicial de Dora, que assume a forma de uma “anti-pedagogia” (Sousa e Soares, 2020), é precisamente esse depósito, que anula o sujeito enunciador e desrespeita sua voz.

A transformação de Dora ao longo da narrativa pode, portanto, ser lida como um processo de reaprendizagem ética: da comunicação vazia ao encontro dialógico. Ao interagir com Josué, Dora é

chamada a escutar, responder e acolher. Esse processo revela que o sentido ético da fala reside na relação com o outro — “o eu só se torna responsivo quando assume a responsabilidade pelo outro” (Bakhtin, 2003).

A análise da transformação de Dora permite ainda aprofundar a compreensão sobre o modo como múltiplas vozes atravessam a narrativa, compondo um tecido discursivo polifônico. Um dos aspectos mais relevantes do pensamento bakhtiniano é o conceito de polifonia, que se refere à coexistência de múltiplas vozes conscientes e autônomas em uma única obra. Em *Central do Brasil*, essa multiplicidade discursiva se manifesta nos diferentes personagens e suas formas de expressão — especialmente nas cartas ditadas a Dora por pessoas comuns que frequentam a estação.

Cada carta escrita carrega um mundo de significados: vozes de mães, filhos, cônjuges e trabalhadores clamando para serem ouvidas. Essas vozes revelam os dramas sociais e emocionais de indivíduos marginalizados, enriquecendo a trama com camadas de significado. A diversidade de experiências ali contidas cria um espaço polifônico que nos permite visualizar a pluralidade da condição humana. Como enfatiza Bakhtin (2011), “as palavras não pertencem a uma única consciência; elas carregam consigo o eco das vozes sociais às quais respondem”.

Dora e Josué, juntamente com os remetentes e destinatários dessas cartas, tecem uma rede discursiva na qual cada voz contribui para a construção simbólica da narrativa. Escutar tais vozes torna-se, assim, um ato ético e político, em consonância com a proposta bakhtiniana de valorização da alteridade no discurso.

A análise do filme *Central do Brasil* ganha ainda mais ressonância quando articulada com a experiência formativa vivenciada no Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI), especialmente por meio do exercício dialógico promovido pela escrita e leitura das cartas dos participantes. Essa prática visava estabelecer uma relação formativa pautada na responsividade e na alteridade — princípios fundamentais no pensamento do Círculo de Bakhtin, para quem “a palavra é, por sua própria natureza, dialógica: ela está sempre orientada para o outro, contendo a voz de um outro que a precede e à qual se dirige” (Bakhtin, 2011, p. 121).

Ser educador, portanto, é operar nesse território da palavra viva, do reconhecimento mútuo e da escuta autêntica. Como também demonstra a experiência formativa com as cartas escritas por participantes do LEEI — é no gesto ético-estético da escuta que se estabelece o verdadeiro vínculo pedagógico — aquele que transforma e humaniza.

Inspirada na atividade inicial “Como e por que você se tornou professor?”, a formação começou com a produção de cartas autobiográficas pelos participantes. Essas cartas, carregadas de memórias, afetos e vozes singulares, funcionaram como verdadeiros enunciados responsivos; atos de fala atravessados por múltiplas vozes sociais e experiências individuais.

A escolha metodológica da formadora em responder individualmente a cada carta, mesmo quando não lhe era diretamente endereçada, evidenciou o princípio bakhtiniano da palavra de resposta. Como afirma Bakhtin (1997, p. 351), “na palavra, as vozes do falante e do interlocutor se entrelaçam e respondem uma à outra”. A resposta à carta, nesse contexto, não foi um gesto protocolar, mas uma forma de reconhecer o outro em sua singularidade, consolidando um espaço de reconhecimento e humanização.

A emoção relatada pelos participantes ao receberem suas respostas — “Tive lágrimas nos olhos ao ler cada palavra escrita para mim”, “Senti-me reconhecida em minha trajetória” — demonstra como a prática dialógica ultrapassou a formação técnica e adentrou o campo da ética e da estética da existência.

Assim como no filme *Central do Brasil*, onde as cartas servem como instrumentos de expressão e diálogo, no LEEI a escrita de cartas permitiu que cada participante se visse e se reconhecesse em sua prática

pedagógica. A palavra, como espaço compartilhado, revelou-se um território de encontro, memória e projeção de sentidos sobre o ser professor.

Considerações Finais

O filme *Central do Brasil*, sob a lente do pensamento bakhtiniano, oferece um rico tecido discursivo, ético e estético. A construção da narrativa mostra que a subjetividade se constitui no encontro com o outro, por meio da palavra responsiva. Dora, símbolo de antipedagogia no início da trama, é transformada pela escuta e pela alteridade, ressignificando seu papel como educadora e sujeito ético.

Para além da trama do filme, esta análise convida à reflexão sobre o papel da educação em tempos de indiferença: a necessidade de escutar as vozes ao nosso redor, reconhecer sua alteridade e responder a elas com responsabilidade e compromisso humano. A educação, nesse sentido, não é apenas uma prática técnica, mas um exercício de presença, escuta e construção dialógica da existência.

Embora esta análise tenha explorado as categorias bakhtinianas de dialogismo, alteridade e polifonia na construção da narrativa de *Central do Brasil*, ainda há caminhos a serem percorridos. Uma análise mais detalhada das vozes presentes nas cartas, por exemplo, poderia revelar as nuances das relações dialógicas e a complexidade do tecido social retratado no filme. Da mesma forma, uma investigação mais aprofundada sobre os gêneros do discurso presentes na obra, em suas interações e especificidades, ampliaria a compreensão da riqueza discursiva do filme. Estas são apenas algumas das muitas possibilidades de estudo que *Central do Brasil* oferece à luz do pensamento bakhtiniano, convidando a futuras reflexões sobre a ética, a estética e a pedagogia do encontro.

Em um mundo marcado pela fragmentação e pelo individualismo, os princípios bakhtinianos nos lembram da importância do diálogo e da responsividade. A experiência do LEEI, assim como a jornada de Dora e Josué, nos mostra que é possível transformar realidades por meio da palavra viva e do reconhecimento mútuo. Que nós, educadores e cidadãos, possamos levar adiante essa lição, construindo espaços de encontro onde todas as vozes possam ser ouvidas e valorizadas.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin – conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin – outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Leitura e escrita na educação infantil: coleção**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2016. Disponível em: <https://lepi.fae.ufmg.br/publicacoes/colecao/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **MEC promove formação de professores da educação infantil.** Brasília, DF: MEC, 26 mar. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/marco/mec-promove-formacao-de-professores-da-educacao-infantil>. Acesso em: 2 fev 2025.

CENTRAL DO BRASIL. Direção: Walter Salles. Produção: Arthur Cohn, Martine de Clermont-Tonnerre. Roteiro: João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein. Brasil/França: VideoFilmes, 1998. Disponível em: Netflix. Acesso em: 28 mar. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SOUZA, F. M.; SOARES, M. B. **Central do Brasil: Dora e as distorções da antipedagogia.** In: SOUZA, F. M.; SOARES, M. B. (org.). **Confluências entre cinema e ensino:** reflexões mediadas por Mikhail Bakhtin, Darcy Ribeiro e Paulo Freire. São Paulo: Appris, 2020. p. 93–109.